



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O ANJO DA GUARDA

Por DYNETTE

Desenhos de A. CASTANÉ



NOÉMIA era uma menina de oito anos, inteligente e buliçosa, que seria modelar, se não tivesse tão mau génio e fôsse menos amimada.

Não é que fôsse má, que tivesse maus sentimentos ou que o coração não guardasse até teozours de ternura e bondade, mas parecia que o Demónio a tentava de vez em quando e, então, fazia tolices sobre tolices.

Vivia feliz, numa casa grande e alegre, elegantemente mobilada, en-

tre os carinhos dos pais, da avózinha boa e meiga e duma tia velhinha que era mais do que boa, quasi santa, e três irmãos mais velhos que a rodeavam de carinhos.

Noémia era a mais nova. Por isso mesmo tudo o que dizia, tudo o que fazia era motivo de conversas, de reparos, de admiração e ela, esperta e fina como um coral, percebia-o perfeitamente, e, para falar verdade, abusava um bocadinho da situação.

Como todos os meninos sabem, Jesus, o bom e previdente amigo dos pequeninos, deu-nos a todos, sem excepção, a grandes e a meudos, mas sobretudo aos pequeninos, um anjo amigo, um anjo protector, que nos guarda o sono, nos dá ao ouvido bons conselhos, nos sustenta no sofrimento e é o nosso fiel companheiro em toda a nossa vida.

Pois Noémia também tinha o seu Anjo da Guarda, branco e esguio como um lírio dos jardins do Paraíso, e louro como se os seus sedosos canudos fôsses feitos de fios de Sol.

Quando Noémia dormia

na sua caminha de madeira clara, de lençóis bordados de alvo linho, o alado protector abria as asas nevadas e cuidadoso, deitava-lhe sobre o leito o seu diáfano manto branco, de sonhos puros e transparentes, leves, que dão sossêgo à alma e paz ao corpo.

Isto, quando Noémia tinha sido boa durante o dia e cumprira corajosamente os seus deveres.

Aqui para nós, pena é que fôssem raras as vezes!

Um dia, eram oito horas da manhã, e a boa Titj, como os sobrinhos ternamente lhe chamavam, veio com a sua costumada paciência acordar a preguiçosa.

—Noémia, filha, levanta-te! Olha que são horas de ir para o colégio!

Noémia abriu os olhos carregados de sono e, maquinalmente, sentou-se na cama para tomar o grande copo de café com leite que a boa velhinha lhe trazia todas as manhãs. Com mau humor deixou-se vestir e pentear, resmungou quando se viu a contas com o lavatório e a higiene, e, depois de ter respondido algumas impertinências à santa criatura que a ouvia cheia de ternura e paciência, lá foi com a criada a caminho do colégio.

O dia estava chuvoso e triste, o céu cinzento e baixo; as ruas escorregadias e enlameadas, cheias de poças de água que, junto aos passeios, corria em regueiros impetuosos. Noémia, dominada pelo Demónio, sentiu desejos de fazer disparates e, sabendo que isso contrariaria a criada, responsável pelo que lhe



(Continua na pag. 4)



MARIA ALDA

A MARIA ALDA A. NEVES

Por MANUEL ALVES GUERRA

Desenhos de A. CASTAÑÉ



UMA linda manhã de Março, Maria Alda, uma encantadora gaiata de oito pequeninas primaveras, brinca descuidada e feliz na re. va verde do jardim.

Sempre inquieta e brincalhona, não deixa, contudo, de ter a linda Maria Alda um coraçãozinho de pomba, sempre pronto para o Bem, sempre ále- ta para os pòbrezinhos. Hoje brinca ela com um grande urso de pêlo amarelo que o papá lhe deu no dia dos seus anos.

Fá-lo dar cambalhotas, atira com êle ao ar, rindo perdidamente quando êle cai, e fica de pernas para o ar, ou bate com o nariz no chão. Nisto tocam ao portão. Maria Alda corre a ver quem é; e depara com uma gaiatinha como ela, mas, coitadinha, vestida com uns pobres farrapos, e tir tando de frio e de fome, os maiores inimigos dos pòbrezinhos. Humildemente ela lhe pede um pouco de Pão. com que satisfazer a necessidade do seu pequenino estômago. Maria Alda fica atônita; pois será possível que aquela peque



nina, igual a ela no tamanho, possa sentir fome, enquanto ela encontra, sempre à sua disposição, tudo quanto o seu apeteite possa desejar? Então corre todos os cantos à casa, procurando qualquer coisa com que possa mitigar a fome daquela desgraçadinha. Entra na despensa e vê um grande Pão de Ló que a mamã tinha feito para o jantar.

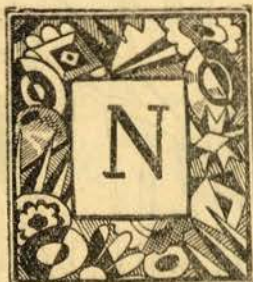
Sem compreender o alcance do seu gesto, lesta, agarra nele e leva-o à pòbrezinha que, louca de satisfação, se senta no degrau do portão, devorando-o com imensa delícia.

Maria Alda senta-se feliz ao pé dela e, enquanto a vê comer, conta-lhe uma história de fadas que a avózinha, na noite anterior, lhe tinha contado.

Neste intervalo, a mamã vai à despensa, e, dando pela falta do bolo, procura a Maria Alda, certa de que só ela o poderia ter tirado. Então vai ao jardim e vê com espanto o pequenino e encantador quadro que se lhe apresenta. Falta-lhe a coragem para as acordar daquele extase, mas a pòbrezinha, sentindo passos, foge espavorida, enquanto Maria Alda de cabeça baixa, espera o merecido castigo. Porém a mamã, bondosa como todas as mamãs, num impulso irresistível, levanta-se e beija-a longamente, feliz e orgulhosa pela imensa bondade do seu pequenino amor.

FLORES QUE A FÉ CRIOU

Por MANUEL DINIZ JACINTO
Desenhos de A. CASTAÑÉ



ESSE tempo prégava Jesus na Galiléa a sua admirável doutrina de paz e amôr. As suas palavras dulcíssimas eram escutadas por todos os desgraçados, para quem eram um bálsamo consolador de todas as desditas. Os pobres desprotegidos da sorte, vinham ate Ele que os curava com suas mãos

do e só, espalhou-se pela aldeia a bôa nova de que o dôce Rabi, o santo que amava as criancinhas

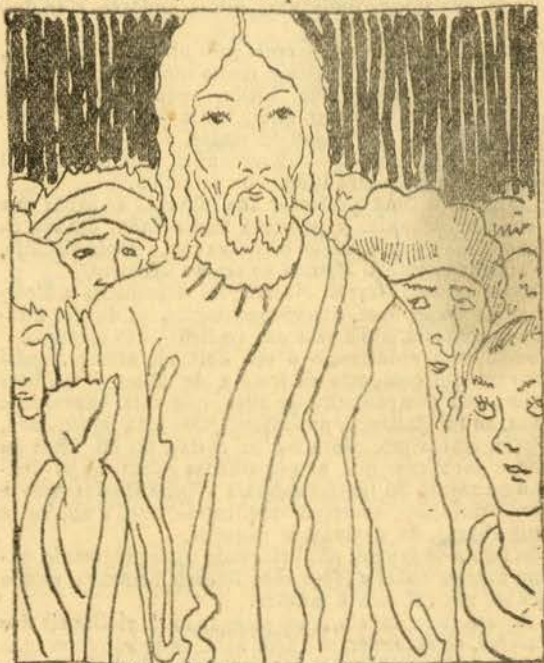
puríssimas e os consolava com a doçura mágica das suas palavras e conselhos.

Numa aldeola pobre, perto da Nazaré, vivia um leproso, velho, carcomido pela doença e pelos anos, escorraçado por todos e para quem a bondade divina parecia não existir, tão atribulada tinha sido a sua existência.

Metido entre farrapos sórdidos de uma enxerga, êle quási nunca se arriscava a vir fóra da porta, à luz do dia, receando que até o sol ao vê-lo tão sujo e miserável, se escondesse no azul do céu, para não iluminar e aqueentar tão imunda criatura.

Rapando as feridas com cacos, debalde êle implorava a compaixão do céu que parecia não o ouvir, e a sua vida deslisava cada vez mais triste, mais atribulada, sem uma única esperança a fulgurar no horizonte tenebroso do provir.

Um dia, em que êle estava ainda mais abati-

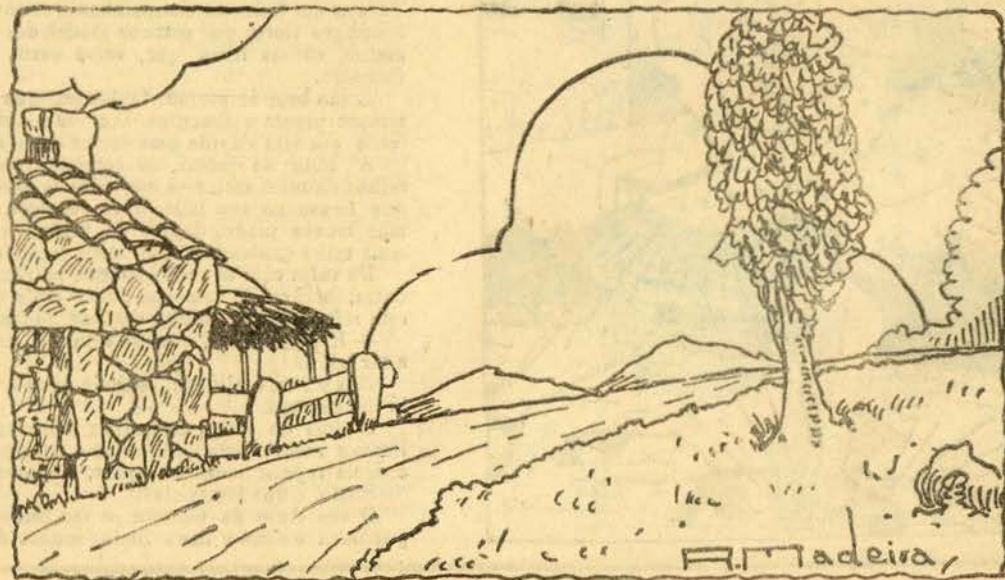


e curava os enfermos, viria prégar a sua doutrina aos habitantes daquela aldeia. O leproso adivi-

(Continúa na página 6)

COLABORAÇÃO INFANTIL

PARA
CO
LO
RI
REM



(Continuado da 1.ª página)

sucedesse, atravessava as ruas sôzinha e, correndo, metia os pés dentro das poças de água e parava a todas as momentos por isto e por aquilo, sem fazer caso dos conselhos da pobre rapariga que já transpirava por todos os poros, ao ver as bonitas noras a que deviam chegar ao colégio.

Emfim, meia hora depois da hora de entrada, lá chegaram ao seu destino.

Nas aulas, Noémia portou-se vergonhosamente.

Falava a rir a todo momento, não prestava a máxima atenção ao que os professores diziam, e tão irrequieta se mostrou que a professora de francês, severa e pouco para graças, a expulsou da aula, com grande alegria da descara-da pequena que aproveitou essa hora de férias para se deixar escorregar pelo corrimão da escadaria de madeira envernizada, que levava duns para outros andares, e se desmazelar toda.

Foi surpreendida neste «sport» pelo professor de inglês, um bondoso rapaz muito alto e muito louro, que lhe chamava por brincadeira: «My Little pequenina».

— Que estares tu fazer aqui, Little pequenina? perguntou o inglês na sua língua de trapos.

— Estou a passar o tempo! respondeu a imperturbável Noémia, sem o mais leve indício de vergonha.

E quando o bom professor lhe ralhava, ao saber que ôira expulsa da aula, a pequena endiabrada, olhava as môscas voando e cabreolando, brincava com a ponta do cinto, e não prestava atenção alguma ao severo discurso.

Souo a hora do recreio. Noémia foi a primeira a incorporar-se na bicha, que, disciplinadamente, se dirigia, através dos corredores, até à sala das refeições dos externos.

Comeu com entusiasmo o seu delicado almoço, quasi exclusivamente composto de fruta e de doces, e tão bem arreliou a sua companheira de mês, que esta, enervada e zangada, se foi queixar à professora. Mais uma reprimenda, e Noémia, mal a professora voltou costas, fez tal série de careias e momices, que as gargalhadas estalaram divertidas e uma rajada de revolta contra a «Maria Queixinhas» e a severa professora, começou fervilhando, aqui e ali, entre as amigalhas, da demoníaca pequena.

Formaram-se grupos, uns brincando sossegadamente, outros em alegres rodas e jogos, mas Noémia brincava, com o seu grupo, aos polícias e ladrões.

E brincadeira foi ela, que, escapando à vigilância das professoras, se esconderam numa aula, onde puzeram tudo de pernas ao ar; carteiras desarrumadas, cadernos esparsos pelo chão e o quadro cheio de desenhos, os mais estravagantes: — gatos, caveiras e bonecos...

No mesmo desasossego, passou o resto da tarde, nas aulas que se seguiram.

Mai tocava a sineta para terminarem as aulas e já Noé-



mia se sentia impaciente por continuar em casa os desmandos como que ali estivesse.

Pela rua fóra, acompanhada pela criada, comçaram as partidas. Tocava em todas as campainhas que lhe ficavam à altura do braço, apanhava flores por entre as grades dos jardins dos palacetes alheios emfim, cousas feias, que, estou certa, não lembravam ao próprio Demónio.

E tão bem se portou, tantas fez, que até mesmo a Titi, uma santa sempre pronta a desculpar-lhe tudo, concordou em que se havia inferno era sem dúvida para tomar conta da irrequieta sobrinha.

A' hora do jantar, só comeu o que lhe apeteceu e, a-pesar-dos ralhos da mãe, meteu-se em todas as conversas e embirrou com o irmão que ficava ao seu lado, e só sossegou um pouco mais, enquanto a mãe tocava piano, depois de jantar, acompanhada pelas filhas, e mais velha cantando e a do meio tocando violino.

De volta com as suas bonecas, palrou e conversou sôzinha, em voz baixa, brincando com um pouco mais de propósito, o que lhe valeu esta reflexão da avôzinha sentada ao canto do lume:

— Esta pequena, quando está com termos, até parece outra; chega a ser bohita!

Mas se, na realidade, Noémia estava com tanto juizo é que o sono já lhe chegara.

Depois de rezar, de joelhos e mãos postas, a Avé Maria, o Padre Nosso e umas orações pequenas e lindas, que a velha tia lhe ensinara e fazia repetir todas as noites, deitou-se e não tardou a adormecer.

Então, é que foram elas.

O seu Anjo da Guarda, o seu lindo anjo loiro e branco que lhe guardava o sono e dava lindos sonhos de fadas e países encantados

abriu tristemente as asas de neve e, muito zangado, nem a cobriu com o seu transparente manto divino. Então, Noémia sonhou! Via, distintamente, via, por detrás de si, o seu Anjo da Guarda, com um rosto cheio de amargura e desolação, segredando-lhe, em voz grave e triste, toda a fealdade da sua conduta, os seus defeitos e as suas maldades. Noémia, cheia de arrependimento, sentia-se confrangida pelas boas palavras conselheiras que prediziam tristezas e horrores, se ela continuasse a não escutar as suas palavras e a obedecer ao terrível espírito do mal.

E, mal acabara de dizer estas palavras, um Demónio muito negro e alto, de olhos chispando fogo e rasgada boca trocista, gritava-lhe, dizendo, que não escutasse as pieguices do anjo, e que fôsse fazendo sempre a sua vontade.

Noémia sentia medo; mas era tão tentador o que dizia o Demónio, tão fácil, tão bom!...

Um largo caminho, alegre e cheio de sol, abria-se à sua frente, e Demónio, apontando para as árvores que o cercavam, fez ver a Noémia que estavam carregadas dos mais estranhos objectos, como se fossem frutos. Um as enchiam-se de rebuçados e bombons, outras de bonecas e brinquedos, aquelas de frutos maravilhosos que ela nunca vira, outras de pasteis e bolos apetitosos, outras com guloseimas ou com as cousas de que ela mais gostava, desafiando Noémia.

Demónio convidava-a a seguir por esse caminho, onde tudo estava à altura da sua mão, como se fôsse feito para ela colher o que lhe apetecesse, sem canceiras nem trabalhos.

Noémia voltou-se indicisa, e viu o Anjo, o seu lindo Anjo, dantes calmo, agora trémulo e assustado. Mas, como por encanto, uma estrada, em tudo semelhante, se estendeu por trás de si, larga e segura,

cheia dos mesmos atractivos, com outros mais, mesmo, pois, lá ao longe, estavam os pais, a bôa avôzinha, a santa da velhinha e os irmãos, como convidando-a a ir ter com eles. Já Noémia dava um passo para essa estrada mágica, quando notou que os ramos das árvores, a-pesar-de cheias das mesmas tentações, eram altos e difíceis de subir, defendidos por espinhos e picos acerados.

Noémia tornou a hesitar; mas o Demónio, fazendo-lhe ver a diferença, adornou todo o seu caminho com as mais deslumbrantes flores e perfumes e, conquistada, Noémia partiu à aventura. Primeiramente colheu do que mais gostou e saciou a guloseima, comendo tudo o que os pais lhe proibiam, depois, desejava de chegar depressa ao fim do seu caminho, deitou a correr em desordenada carreira. Mas, de repente, notou, com espanto, que o caminho era uma ponte, e conforme ia cominhando se estreitava, se estreitava, até se tornar numa táboa, primeiro larga, depois finíssima, que ameaçava partir com o seu peso.

Noémia, quiz voltar-se, recuar, mas uma força desconhecida, impelia-a, com tal ímpeto, que não podia abrandar a sua carreira. Um medo horrível apouso-se da sua alma, e a exacta compreensão de tudo, iluminou-lhe o espírito, e Noémia compreendeu, então, que ia despedaçar-se, sem remédio, nos negros fraguados que se amontoavam lá em baixo, afogando-se na água negra, lodacenta, donde se escapava fumo, como se estivesse a ferver. Então Noémia lembrou-se, com aflicção, que se afastara tanto dos seus, que nunca mais os veria, assim como nunca mais tornaria a ver o seu Anjo branco e loiro, protector amigo, sempre pronto a dar-lhe sonhos lindos e a levar a paz ao seu coraçãozinho.

Nisto a ponte partiu-se:—Pás!... E Noémia despenhou-se no espaço, turbilhonando, com o coração oprimido e apertado.

De repente, um grito saía dos seus lábios:

— Perdão, meu Anjo da Guarda, perdão!...

Mal acabara de proferir estas palavras, sentiu-se levada nos ares, pelos braços, fortes e meigos, do bom Anjo, até cair docemente sobre o seu leitozinho branco.

E, nesse momento, Noémia acordou, num grito, lavada em lágrimas.

A bôa tia, que dormia numa cama a seu lado, interrogou-a cheia de cuidado, supondo a doente, e, então, Noémia contou o horrível sonho, convencida de ter sido uma realidade.

A Titi explicou-lhe, então, a significação do seu sonho; que as grandes estradas existem na realidade e são: — uma, o caminho do Mal; a mais fácil; a outra o caminho do Bem, o caminho de Deus, que só se conquista à força de bondade, de trabalhos, como um guerreiro vence os inimigos com o seu valor e a sua espada.

Daí em diante, Noémia tomou a peito o seu caminho da



conquista, como ela dizia, orgulhosa e comovida, e logo no dia seguinte se mostrou tão obediente e sossegada, que, no colégio, as professoras chegaram a supôr que estivesse doente.

Toraou-se uma meniua digna de exemplo, digna, sobretudo, dos mimos que lhe continuaram fazendo e da protecção do bom anjo, que continua a guardar-lhe o sono, e a entender com o seu lindo gesto, suave e meigo, o seu véu transparente e puro, de sonhos «côr de rosa», sôbre o seu leito branco.

Só lá, de muito longe em muito longe, volta a fazer diabruras e partidas que dão um palido rellexo do que foi antes do sonho providencial; mas logo a lembrança do susto que apanhou, lhe mostra a tentação do Demónio, e, cheia de coráem, lança em riste contra o falso tentador, continua a avançar, devagarinho, pela estrada onde se obtem cada compensação, com bondade e com trabalho.

Lembrem-se, meus meninos, que cada um de Vós tem no seu amigo Anjo da Guarda um amável protector muito bom e muito alegre, e que sempre é melhor escutar-lhe os bons conselhos do que cair no abismo do alto duma ponte e afogar a alma no lódo da maldade. Para mais que ao fim do caminho mais difícil está sempre: — Jesus.

F I M



FLORES QUE A FÉ CRIOU

(CONTINUADO DA PÁGINA 3)

nhou-o. E, então, na sua alma até ali estéril, começou a germinar a fé e a esperança nesse Rabi em



quem mal ouvira falar, mas que sabia tão doces palavras proferir.

da aldeia acorria o povo a ouvir as palavras do Divino Mestre.

Sôbre uma pedra, rodeado pela multidão, lá estava Ele sublime, humilde na sua túnica branca e com os pés descalços, ensinando os homens a serem bons e compassivos e a serem num Deus poderoso e justo. Todos se atropelavam para se colocarem mais próximo do Rabi e para tocarem a túnica que remediava os seus males... Sómente o leproso, derreado e só, estacionava lá longe, sem se poder aproximar.

Jesus acabou o seu sermão: as suas palavras derramaram um bálsamo consolador por sôbre aquelas almas, e das suas mãos caíram mil bênçãos e graças sôbre a multidão que, só então, se dispersou. Por fim, vagarosamente, o leproso vem até junto do Divino Mestre, roja-se-lhe aos pés e, com a voz entrecortada pelos soluços, implora-lhe:

— Senhor! Eu creio em Ti, olha para este miserável que se arrasta aos teus pés, dá-lhe o alívio para tantos males e ele amar-te-há eternamente.

Devagar, suavemente, Jesus estende as mãos: uma lágrima cai dos seus lípidos olhos a qual, rolando-lhe pelas faces, vai cair sôbre o leproso, que continua ajoelhado. E, então,— caso inaudito! — as repugnantes chagas do gafado, fecham-se, murcham rapidamente, transformando-se em lírios que caiem no chão, tão brancos como a túnica do Rabi que já lá vai ao longe, muito ao longe... arrimado ao seu bordão.

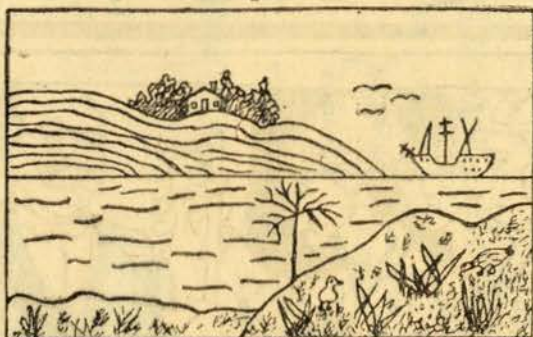
F I M

Era sábado. O sol deslisava sôbre a terra, comunicando-lhe força e alegria, e de todos os lados

HORA DE RECREIO

Colaboração infantil

PALAVRAS CRUZADAS



Desenho de Joaquim Martins Gaspar - 10 anos de idade

PROBLEMA



| | | | | | | | | |
|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 1 S | 2 E | 3 O | 4 E | 5 O | 6 I | 7 O | 8 | 9 |
| 4 E | 5 N | 6 I | 7 E | 8 V | 9 O | 10 A | 11 | 12 |
| 5 A | 6 E | 7 G | 8 U | 9 L | 10 O | 11 A | 12 Z | 13 A |
| 6 R | 7 I | 8 O | 9 S | 10 O | 11 S | 12 | 13 | 14 |
| 18 A | 19 A | 20 | 21 O | 22 S | 23 U | 24 V | 25 A | 26 S |
| 21 P | 22 S | 23 A | 24 L | 25 A | 26 R | 27 Z | 28 A | 29 A |
| 22 R | 23 U | 24 S | 25 S | 26 A | 27 O | 28 O | 29 A | 30 U |

Solução do número anterior

Juntar a sílaba «B» uma ou duas sílabas, de maneira a formar palavras com a seguinte significação: — 1, nome dum peixe. 2, nome dum fruto. 3, conjunto de músicos. 4, meio de condução marítima. 5, vestuário de estudante. 6, filho que não é legítimo.

João M. Lucas

PARA OS MENINOS COLORIREM



A GIVETA DA ASIA — (VIVERRA ZIBELHA)

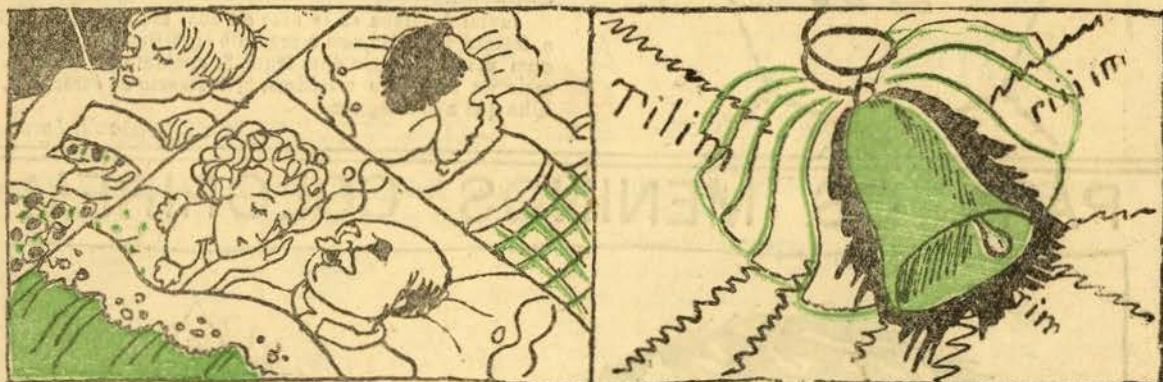
TERRAMOTO...



Carlitos lê num jornal que, num certo Observatório, se registou um abalo que foi bastante notório.

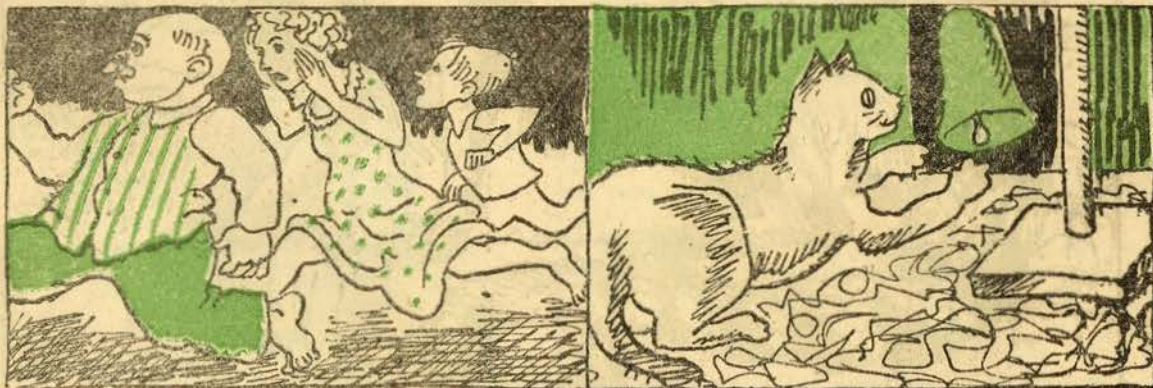
Resolve, então, inventar outro aparelho, o garoto; onde possa registar o mais leve terramoto.

Pondo um pequeno badalo na ponta duma caneta, com certeza um leve abalo fará tocar a sineta.



Numa salinha de estar, o grande invento se instala. Chega a hora de deitar... Tudo a dormir se regala.

Mas, de súbito, o badalo começa, doido, a tocar... —«Foi, certamente, um abalo!» dizem todos a gritar.



Levantam-se a toda a pressa, e a família, semi-nua, já de perda de cabeça, vai fugindo para a rua.

Mas notando sôb os pés o chão bastante tranqüilo, voltam a casa, outra vez, a ver a razão daquilo.

E vão encontrar o gato que a mãe do Carlitos tinha, sacudindo a campainha, supondo que ela era um rato.